

Sociedade Portuguesa de Alcoologia organiza XII Congresso

Convergência médica: álcool e a interseção com outras especialidades foi o lema do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Alcoologia, que decorreu entre os dias 7 e 8 de novembro, na Biblioteca Municipal Almeida Garrett, no Porto. Entre os temas debatidos durante o evento, destaque para a abordagem das perturbações do uso de álcool nos cuidados de saúde primários, o rastreio, a deteção precoce, a intervenção breve e a referenciação para a consulta especializada de alcoologia.

Dependências acompanhou o evento e entrevistou a Presidente da SPA, Joana Teixeira.



Que balanço faz da realização deste XII Congresso da SPA?

Joana Teixeira (JT) – Está a ser um sucesso fantástico como já não tínhamos há muito tempo. É o encontro com mais afluência dos últimos anos, com 254 inscritos, enquanto no ano passado apenas tivemos 124 e, em 2022, tínhamos tido 169. É um aumento muito grande na afluência e tivemos também muitos trabalhos submetidos, 42, o que representa um significativo aumento face ao ano passado, em que tivemos 24, portanto, temos muitas discussões interessantíssimas, de vários temas e, por isso, está a ser um sucesso enorme.

Em que medida poderemos considerar, a partir desses indicadores, que o consumo abusivo do álcool começa a ser uma preocupação da sociedade portuguesa?

JT – Sempre foi uma preocupação da sociedade portuguesa. Estamos é a conseguir envolver cada vez mais profissionais na luta contra este problema e no maior conhecimento que é necessário ter sobre a patologia e as formas de intervenção.

Gostaria de destacar algum tema em debate?

JT – Nós tivemos a sessão dos psicadélicos, um tema muito falado hoje em dia na questão da depressão, mas convidámos dois especialistas na área que fizeram comunicações muito interessantes sobre o uso dos psicadélicos no tratamento da perturbação do uso do álcool. Também a comunicação de inteligência artificial aplicada à medicina e a questão das dependências, com o Dr. Tomás Pessoa e Costa, fantástico e uma comunicação muito importante... e o Professor Mickael Naassila, Presidente da Sociedade Francesa de Alcoologia, que fez uma apresentação brilhante sobre a prevenção do consumo de álcool.



Podemos considerar o álcool a toxicod dependência dos portugueses... teremos hoje recursos e ferramentas para atenuar este problema? O que devemos fazer?

JT – Este problema tem que ser muito bem pensado porque não é fácil. Se fosse, já estaria resolvido. As medidas que têm sido implementadas são boas mas insuficientes e temos que pensar realmente como poderemos fazer para utilizar os recursos que temos, que são escassos, para os rentabilizar da melhor forma possível e para termos resultados. Também é preciso que tenhamos.

A revista Dependências publicou um artigo sobre um problema que afeta a intervenção na saúde mental: revelámos que o estado tem sido um mau estado, não tem cumprido a legislação, designadamente quanto à participação às entidades que trabalham na saúde mental, praticando valores diários como 27 euros numa comunidade terapêutica, 46 euros em unidades nos Açores, 52 na Madeira, 67 no continente, sendo que a lei refere que os valores, mesmo para cuidados menos agudos, são 73 euros... como é possível falar tanto em saúde mental e não cumprir com a legislação?

JT – Acho que tem que perguntar essas coisas a quem de direito... A SPA, sobre essa matéria, não tem informação.

Sendo que a SPA intervém essencialmente na questão do álcool, hoje falamos quase universalmente em comportamentos aditivos e dependências. Não seria a altura de procurarmos juntar as diversas sociedades científicas que intervêm em CAD, no sentido de as fortalecer e potenciar uma intervenção mais holística?

JT – Diria que as sociedades já existem há vários anos, mas em relação aos profissionais, seguramente, têm todos que se unir para lutarem com este problema de saúde, que é muito grande na nossa sociedade, e que implica que, todos em conjunto, tenhamos que agir para o melhorar, quer em termos de prevenção, quer em termos de tratamento. O esforço tem que ser conjunto.

É difícil construir pontes?

JT – É preciso sensibilizar os profissionais.

O que faltará fazer para que se reconheça este fenómeno do álcool no comportamento das pessoas?

JT – Tanta coisa! Se quiser, de uma forma breve, é aumentar a consciencialização para o problema que é o consumo de álcool na nossa sociedade. Há uma falha de informação na sociedade civil e mesmo nos próprios profissionais ainda sobre esta matéria, que é uma das grandes causas do problema.

A União Europeia refere estar muito preocupada por o álcool ser causador de 25% dos cancro... o que faltará então fazer?

JT – Não é fácil responder, estamos perante um tema complexo, que tem que ser analisado, como deve compreender. Mas percebamos que o consumo de álcool ainda é muito banalizado.

São apenas os jovens que consomem atualmente álcool de uma forma problemática?

JT – Não, de todo! Também as mulheres, os idosos, os adultos... todos!

A proibição da publicidade ao álcool resolveria algumas questões?

JT – Há muitas medidas preventivas para reduzir o acesso ao álcool. Essa é uma que é sugerida como uma medida possível.

... E a rotulagem?

JT – É outra medida possível.

E por que não avançamos nessas duas medidas, que parecem tão simples?

JT – Se calhar, quem de direito, nomeadamente o ICAD, é capaz de o esclarecer melhor.

O que lhe falta fazer neste último período do seu mandato?

JT – Eu acho que falta continuar o que já temos começado, que é aumentar o conhecimento dos profissionais sobre as perturbações do uso do álcool, que muitas vezes não têm a formação que é necessária, falta consciencializar mais a sociedade civil de que isto é um problema, tem riscos associados... só com estas duas coisas que é preciso fazer há muito trabalho ainda a desenvolver.

